

O “Quebra-Quebra de 1959” em Uberlândia: olhares¹

Eliene Dias de Oliveira Santana²

Resumo: Este artigo propõe-se a pensar o movimento social denominado “Quebra-quebra de 1959”, em Uberlândia-MG, a partir de diferentes interlocutores: a imprensa, as falas apresentadas na documentação policial e narrativas orais. Este mosaico de olhares possíveis, procura perceber a intricada teia de significados desse momento da história da cidade, particularmente dos momentos posteriores ao movimento, durante a repressão e a reconstrução da normalidade.

Palavras-chave: imprensa, movimento social, violência urbana.

Resumen: Este artículo tiene como propuesta pensar el movimiento social nombrado “Quebra-quebra de 1959”, en Uberlândia-MG, a partir de distintos interlocutores: prensa, los discursos presentados en la documentación policiaca

¹Esse artigo contempla algumas discussões efetuadas na Dissertação de Mestrado realizada sob orientação da Prof^a. Dra. Heloisa Helena Pacheco Cardoso, com apoio financeiro da CAPES. O recorte aqui apresentado não incorpora as discussões metodológicas sobre o uso das fontes em questão (processo crime, história oral e imprensa), pela necessidade de limitar as temáticas abordadas no artigo. Tais discussões estão presentes no texto integral da referida dissertação. Ver: SANTANA, Eliene Dias de Oliveira. *Cultura Urbana e Protesto Social: o quebra-quebra de 1959 em Uberlândia-MG*. Uberlândia: UFU, 2005.

²Professora Assistente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Coxim. elieneoliveira@yahoo.com.br

y narrativas orales. En este mosaico de múltiples miradas. Se busca percibir la intrincada cadena de significaciones de este período de la historia de la ciudad, precisamente de los momentos posteriores al movimiento, a lo largo de la represión y reconstrucción de la normalidad.

Palabras-clave: imprenta, movimiento social, violencia urbana.

A cidade de Uberlândia, situada no Triângulo Mineiro, Minas Gerais, foi palco, no final dos anos 50, de uma grande manifestação popular que ficou conhecida como Quebra-Quebra de 1959. O protesto aconteceu, inicialmente, contra o aumento do custo de vida e seu estopim foi o preço das entradas dos cinemas, que passou de 18 para 30 cruzeiros. Os manifestantes, primeiramente estudantes e, depois, pessoas de vários segmentos da sociedade, tornaram pública a sua insatisfação, depredando cinemas e casas comerciais. A manifestação aconteceu nos dias 18 (domingo) e 19 (segunda) daquele ano.

Conforme relatos de moradores e jornais da época, os protestantes fizeram passeata e “fila-boba”, aglomerando-se nas portas dos cinemas e impedindo a venda de ingressos. No domingo, os quatro cinemas da cidade (Cine Uberlândia, Cine Éden, Cine Regente e Cine Paratodos) foram invadidos, depredados e incendiados³.

Depois da destruição dos cinemas, os habitantes da cidade iniciaram a segunda-feira com a expectativa do que poderia acontecer. Havia rumores de que o Mercado Municipal da cidade seria invadido, por isso quase todo o pequeno contingente policial de Uberlândia se dirigiu para lá. Não se sabe se foram intimidados

³ Povo protestou contra o aumento no preço dos cinemas: depredou. *Correio de Uberlândia*, 22/01/1959, p. 01.

pela polícia ou numa jogada estratégica, nada aconteceu no local. Enquanto isso, nas Avenidas João Pessoa e João Pinheiro, ocorria verdadeiramente a continuação da violência e dos saques⁴.

Duas casas comerciais foram saqueadas: Messias Pedreiro Importação e Exportação e Casa Caparelli. A primeira comerciava gêneros alimentícios, principalmente arroz e feijão; a segunda era um grande atacadista, comerciando os mais diversos gêneros de mercadorias.

Enquanto os saques aconteciam, chegou reforço policial da capital e das cidades vizinhas, entre elas Uberaba, momento em que a violência se voltou contra os manifestantes, deixando um saldo de quatro pessoas mortas, doze feridas e duzentas presas.⁵

A repressão ainda perdurou por vários meses, modificando o cotidiano dos moradores da cidade. Caminhões e soldados percorreram casas, revistando-as e procurando mercadorias saqueadas. Segundo algumas narrativas orais, a Guarda Policial da Cavalaria de Belo Horizonte estabeleceu horário de recolher às 22 horas, sob risco de severas penas a quem o ultrapassasse. Um inquérito foi instaurado para apurar responsabilidades, mas posteriormente foi arquivado.

Tal inquérito policial foi aberto para apurar responsabilidades e encontrar os culpados pelo Quebra-Quebra, no dia 20 de janeiro de 1959. Da referida documentação, tive acesso às 49 páginas iniciais do inquérito, que se encontram no Centro de Documentação e Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia. Compõe-se de falas dos proprietários ou funcionários das casas comerciais e dos cinemas e, ainda, falas de moradores prestando esclarecimentos sobre seu envolvimento, ou não, nos atos do Quebra-Quebra.

⁴ Movimento marcou um ponto e atacou outro: estratégia. *Correio de Uberlândia*, 22/01/1959, p.01.

⁵ Dados todos obtidos do jornal *Correio de Uberlândia*, 22/01/1959. O número de mortos varia de acordo com a fonte.

Os caminhos percorridos pelo inquérito, desde sua instauração até o seu arquivamento em 08/08/1961,⁶ não se fizeram conhecer na época em que foi gestado. Os jornais locais pouco disseram sobre o assunto. E foi o Jornal *O Binômio*, de Belo Horizonte, quem denunciou a censura à imprensa, que foi impedida de ter acesso às investigações.

O número de 16/12/1959, cujo texto datilografado encontra-se no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia - CDHIS, trouxe uma reportagem com o título *Polícia abafou inquérito de Uberlândia para deixar impunes figurões saqueadores*⁷. Nela, o jornal denunciou que jornalistas não tiveram acesso ao local onde eram ouvidos os implicados no rigoroso inquérito. E ainda afirmou que, *das desordens e dos saques, participaram tanto operários desempregados (houve 3.500 dispensas em virtude do salário mínimo), quanto desordeiros e indivíduos desclassificados e mesmo alguns estudantes mais exaltados*.⁸

A reportagem seguiu afirmando que houve um tratamento diferenciado nas investigações. Por um lado, *os pobres participantes do Quebra-Quebra foram massacrados*. Por outro, indivíduos bem situados na sociedade uberlandense, que teriam sido receptores de mercadorias saqueadas, *eram tratados pela polícia, por onde corria o*

⁶ Conforme: NUNES, Leandro José. *Cidade e Imagens: Progresso, Trabalho e Quebra-Quebras -Uberlândia -1950/1960*. São Paulo: PUC,1993, p.51. Dissertação.

⁷ *Polícia abafou inquérito de Uberlândia para deixar impunes figurões saqueadores. O Binômio*, Belo Horizonte,16/12/1959.

⁸ A referência do jornal ao salário mínimo diz respeito à correção aprovada em dezembro de 1958, vigorando a partir de janeiro de 1959, que para a cidade de Uberlândia correspondia a uma alteração do valor de CR\$ 3.100,00 para CR\$ 5.300,00. Em Minas Gerais, o salário mínimo era estabelecido de acordo com as três sub-regiões em que estava dividido o Estado. Nelas, Uberlândia, que em 1956 compunha a segunda sub-região, passou, em 1958, para a primeira, o que significou uma correção maior nesta data. Ver: Decreto-Lei nº 45.106-A. *Altera a tabela de salário-mínimo e dá outras providências*.

“rigoroso inquérito” à vela da libra, tendo sido ouvidos em audiências especiais e com todo respeito, sendo vedado a todos os jornalistas o acesso às salas onde se tomavam seus depoimentos.

Entre os suspeitos de serem receptadores de mercadorias, O *Binômio* acusou nominalmente o então vereador Igreja e o Sr. Nicolau Feres, grandes negociantes de arroz e sal. E finalizou afirmando que o inquérito foi abafado, ficando impunes Igreja, Feres e demais figurões envolvidos no roubo. No entanto, não decresceu o clamor popular contra a farsa. A população de Uberlândia, indignada, está exigindo das autoridades a continuação do inquérito engavetado e a punição dos culpados pelos acontecimentos que abalaram aquela cidade.

O jornal denunciou o clima de cerceamento e mistério que envolveu o transcorrer do inquérito. Como apontado na historiografia local e em várias fontes, a hipótese mais provável era a necessidade de proteger poderosos comerciantes da elite local que estariam envolvidos na compra e venda dos bens saqueados.

Para o historiador NUNES⁹, mesmo que o inquérito tenha sido arquivado pelo juiz, alegando impossibilidade de individualizar os culpados, foi a única documentação onde foram registradas as falas da população pobre que participou, ou que foi acusada de participar, da manifestação, na forma de “declarações prestadas” às autoridades policiais.

Considero significativo também o silêncio dos jornais *O Repórter* e *Correio de Uberlândia*, já que, em suas matérias, os trâmites do inquérito sequer foram mencionados. O único jornal local que tratou efetivamente dessa temática foi o Jornal *O Triângulo*, sendo inclusive apontado na reportagem de *O Binômio* como um dos órgãos da imprensa que cobraram uma postura de clareza dos responsáveis pelas investigações.

⁹ NUNES, Leandro José. *Cidade e Imagens: Progresso, Trabalho e Quebra-Quebras -Uberlândia -1950/1960*. São Paulo: PUC,1993. Dissertação.

Efetivamente, a divulgação das informações e caminhos do inquérito foi uma temática que, por vários dias, ocupou a primeira página do jornal. Pedidos de que a documentação fosse tornada pública foram constantemente feitos ao Dr. Raymundo Tomaz, Delegado do DOPS (Departamento da Ordem Política e Social) responsável pelas investigações até 02/02/1959, quando foi afastado do caso e substituído pelo Dr. J.A. Rogedo, chefe do DOPS, e Ten. Cel. Josino Ramalho.

Nas reportagens, *O Triângulo* exigia que a autoridade não silenciase sobre os nomes dos grandes, isto é, daquelas pessoas que, apesar de possuírem uma situação econômica e social mais elevada, procuraram, num gesto indigno, conseguir lucros através da receptação de mercadorias oriundas dos saques havido naqueles dias.¹⁰

Logo após os acontecimentos de quebras e de saques, no dia 22/01/1959¹¹, o jornal publicou uma lista de nomes de pessoas apanhadas com mercadorias até aquele momento: ao todo, 33 pessoas, sendo trinta homens e três mulheres. A divulgação dos nomes de populares envolvidos na manifestação era continuamente utilizada como argumento de cobrança para que fossem divulgados também os nomes de pessoas de elevadas camadas sociais que haviam saqueado e receptado mercadorias.

Colocando-se na posição de porta-voz do povo, o jornal denunciou *o mutismo da autoridade incumbida de deslindar os lutosos acontecimentos, recusando obstinadamente o acesso à imprensa, às fontes de informação, o que provocou comentários acerbos, gritas do povo contra as restrições da autoridade ao trabalho de jornalistas, que procuram esclarecer a opinião pública sobre a participação de indivíduos nos saques e receptadores de mercadorias desviadas durante as sangrentas ocorrências de Uberlândia*¹².

¹⁰ Continua o silêncio comprometedor. *O Triângulo*, Uberlândia, 27/01/1959, p.01.

¹¹ Eis alguns detidos. *O Triângulo*, Uberlândia, 22/01/1959, p.01.

¹² Pausa para meditação. *O Triângulo*, Uberlândia, 29/01/1959, p.01.

É importante ter a dimensão de que, em 1959, o inquérito não se tornou público e as pessoas não puderam conhecer seu conteúdo. Dizer isso implica em assumir a responsabilidade de lidar com a riqueza de elementos que ele apresenta e perceber o alcance do significado de publicizar algo que por tanto tempo se desejou conhecer.

Lamento, obviamente, que grande parte dessa documentação ainda esteja “desaparecida” e renovo as minhas esperanças de que, em algum momento, possamos conhecer a totalidade de seu conteúdo.

As 49 páginas iniciais do inquérito foram compostas de 23 depoimentos, todos colhidos no dia 20 de janeiro de 1959. Inicialmente, depuseram um soldado da polícia local, os proprietários das casas comerciais saqueadas, o proprietário da Diversões Triângulo e dois funcionários dos cinemas. Posteriormente, depuseram pessoas que poderiam estar envolvidas com os saques e depredações, receptadores de mercadorias e pessoas que procuraram a Delegacia local para devolver bens saqueados. A maior parte do segundo grupo negou envolvimento nos acontecimentos dos Quebra-Quebras. Todos os depoentes, sem exceção, afirmaram ser a primeira vez que foram chamados a uma Delegacia e que residiam em Uberlândia. Dizer isso era reforçar o aspecto da idoneidade daqueles que depuseram, reafirmando-se que não eram criminosos, não tinham passagem pela Polícia, tinham residência fixa na cidade e, portanto, não eram *forasteiros*.

A mediação padronizada do escrivão tornou os relatos muito parecidos. Foi possível entrever, no entanto, elementos de interpretação dos depoentes acerca do Quebra-Quebra, que podem ser representativos de sua visão do mundo e das pessoas com as quais conviviam.

Assim como na imprensa e em algumas narrativas orais analisadas sobre o tema, não há, nos depoimentos do inquérito, uma consonância em relação aos motivos que gestaram o Quebra-Quebra. Há sim, um amálgama de experiências mediando o olhar dos interlocutores sobre este momento.

O empresário Nicomedes Alves dos Santos¹³, proprietário dos cinemas Cine Uberlândia e Cine Éden, contou que, inicialmente, alguns estudantes, dizendo-se representantes da União Nacional dos Estudantes-UNE, impediram a entrada dos frequentadores habituais ao Cine Uberlândia, protestando contra o aumento dos ingressos. No decorrer de sua fala, ele narrou a intromissão de elementos estranhos à classe estudantil e a impossibilidade de que a contenda tivesse um fim pacífico, levando-o a determinar a devolução dos ingressos já vendidos e a suspender a sessão. Tais elementos eram estranhos a ele, que não conhecia as pessoas que estavam aderindo à manifestação. Posteriormente houve ainda a infiltração de mulheres e crianças.

Quando o Quebra já estava em andamento, ele destacou a tentativa do Sr. Américo Tangaraí que, acompanhado de outras pessoas, hasteou a bandeira nacional, conseguindo amenizar uma situação que poderia ter consequências mais desastrosas.

O ato simbólico de hastear a bandeira foi representativo da tentativa de acalmar os ânimos e evitar que a manifestação se estendesse. “Ordem e Progresso”, máxima legitimada pelos discursos hegemônicos propalados pela elite econômica, intelectual e política da cidade. Símbolos que deviam ser lidos em conjunto, sem ordem não há progresso e vice-versa. Logo, buscar essa simbologia num momento de conflito explícito era tentar restabelecer o estado “normal” das coisas e das pessoas, devolvendo-as ao seu lugar, ao seu espaço, ao estado de soberania das leis e dos poderes instituídos.

A partir de falas de algumas narrativas orais, percebo que muitas pessoas reprovaram as atitudes de saques às casas comerciais ou, pelo menos, não queriam tomar parte deles por temor à Polícia.

¹³ SANTOS, Nicomedes Alves dos. *Inquérito*. Polícia do Estado de Minas Gerais. Uberlândia, 20/01/1959, p. 13-16.

Várias narrativas reforçam ainda o desespero das pessoas para se verem livres das mercadorias saqueadas por elas ou por outros nos momentos posteriores à euforia presente na manifestação. A repressão ferrenha, dura e eficaz levou muitos a reverem as consequências de seu envolvimento no quebra, sendo comum várias pessoas procurarem se ver livres das “provas do crime”. A ordem voltava a ser estabelecida:

(...)Porque aí depois entrou aquela parte de estado de sítio, então ninguém podia sair na rua, ninguém podia aglomerar pra conversar, e veio pelotões de policia de Uberaba, de Belo Horizonte e tudo pra vigiar a cidade, não é, porque tinha havido o quebra-quebra do cinema e quebra-quebra nas casas. Aí depois então quando a policia tomou posição, aquelas pessoas que tinham carregado sacos de arroz, sacos de feijão, pratos, bacias e tudo do armazém, queria se livrar daqueles objetos. Então a gente encontrava sacos de arroz, porque no dia seguinte eu saí andando e a gente via pelos matos assim, né, naqueles terrenos baldios, sacos de arroz, por ali, bacias, que o povo ia pondo lá pra ficar livre da policia, não é? (...)¹⁴

O Quebra foi sufocado pelos órgãos de repressão, mas também pelos valores que regiam a sociedade daquele momento. Valores que, por dois dias, foram colocados em xeque, mas voltaram a reger as relações sociais entre as pessoas. Fazer voltar a ordem e, por que não dizer, “o progresso”, foi algo que impôs grandes mudanças no viver das pessoas que residiam em Uberlândia naquele momento. As relações pessoais passaram a ser vigiadas, estabeleceu-se o que a depoente chama de *estado de sítio*, formas de controle e dominação sobre os moradores.

¹⁴ CALÁBRIA, Olívia. *Entrevista*. Projeto Depoimentos/ APM, Uberlândia. 19/01/1990, p.24. Descendente de italianos, é natural de São Paulo-SP, tendo mudado-se para Uberlândia com um ano de idade. Filha de pai anarquista, era comunista filiada ao Partido, desde 1946. *Projeto Depoimentos*. Arquivo Público Municipal. 19/01/1990 e 09/02/1990, Teatro Rondon Pacheco, Uberlândia-MG.

Em tais narrativas, não busco descobrir se as pessoas falavam a verdade ou se estavam efetivamente envolvidas nos acontecimentos do Quebra-Quebra. Mais importante que isso é evidenciar como o Quebra e sua posterior repressão interferiram no cotidiano dos moradores, que passaram a ter as suas casas revistadas, suas vidas esmiuçadas, tendo, inclusive, de justificar a posse de mercadorias semelhantes às dos saques em suas residências.

A multidão não podia ser identificada, de forma que todos passaram a ser suspeitos, principalmente quando se enquadravam nos estereótipos de moradores das Vilas, desempregados, negros e pobres:

(...)Mas o pior do quebra-quebra, talvez eu nem saiba te dizer, ou num sei como te dizer, talvez eu me perca. O pior foi depois. A situação pior do quebra-quebra foi depois, com a polícia indo nas Vilas, nunca no Centro. Porque o Centro sempre é privilegiado, né? Mais nas Vilas, arrecardando aquele material que foi tirado das lojas. Então foi uma coisa incrível, foi uma tristeza pra população. A população ficou medrosa, amedrontada. A polícia vinha sem uma licença do juiz pra invadir uma casa, ia chegando e ia entrando na casa. Uma casa que eles suspeitasse que tinha material, eles entrava. E aquilo o povo ficou medroso, com medo. E o povo começou a esconder... torrador de café...é torrador mesmo que fala?

(...)

Torrador de café, violão, tudo, coisas..., armas, espingarda, revólver, tudo o que podiam. O Caparelli tinha de tudo, ele era um atacadista de tudo, no geral, né? Então eles escondiam dentro da cisterna, pra polícia num achar eles. Desciam, amarrava numa corda e descia até certa altura pra num pegar água, né, e desciam e deixavam aquilo lá, preso dentro da cisterna. Então eles foram descobrindo, a polícia foi descobrindo isso. Então o que que aconteceu? Invadia casa, o povo com medo. Principalmente os que mais sentiam medo eram os inocente, que não tinham feito nada, que sofria a humilhação de ver as suas casas invadida pela polícia. Vinha um caminhão cheio de soldado andando pela rua, invadindo as casa, sabe? E encontrando aqueles trem e recolhendo. Recolhendo e levando, arroz, feijão, as roupas. Levando tudo o que tinha, certo? Foi levando. E criou-se um clima de tal ordem que irmão delatava irmão. Falava “ Ó, meu

irmão ali tem”. De medo. De medo. Criou-se..., era como se fosse..., o povo via aquela polícia como se fosse a Gestapo Alemã. Como se fosse a Gestapo, fazendo aquelas barbaridades. Então, primo delatava primo “Ó, meu primo lá tem, pode ir lá que lá tem, tá dentro da cisterna e tal. Dentro da fossa lá.¹⁵

A citação é um tanto extensa, mas importante para compreender o clima de tensão e medo que permaneceu na cidade após o Quebra-Quebra. O depoente considerou que o momento posterior foi o pior, dada a violência da atuação dos órgãos repressivos. A comparação Vilas e Centro deixa entrever o tratamento diferenciado dados aos moradores destas localidades e exterioriza uma hierarquia entre as pessoas, a partir do espaço por elas ocupado na cidade.

Mesmo com evidências de que certos privilégios eram concedidos aos que residiam na região central da cidade, arrisco-me a afirmar que todos os moradores tiveram o seu cotidiano alterado em função do Quebra, mesmo quem não fez parte dele. Várias famílias buscaram refúgio no campo, abandonando suas casas devido ao temor de que os conflitos se estendessem.¹⁶ A presença de destacamentos policiais de outras cidades e a implementação de um plano de busca e punição aos culpados trouxe à tona os sentimentos de medo e fragilidade das pessoas que, inclusive, tiveram o seu direito de ir e vir cerceado a partir da imposição de um toque de recolhimento estipulado a partir das 22 horas, horário máximo que as pessoas podiam transitar pelas ruas da cidade.

¹⁵ OLIVEIRA, Alberto Augusto de. *Entrevista*. 08/11/2003, p. 12-13. Sr. José Alberto de Oliveira. Natural de Formiga-MG, nascido em 1949. Estudou até o segundo ano primário. Atuou como varredor, tipógrafo, impressor, diagramador e revisor do Jornal *Correio de Uberlândia*. Posteriormente, como Jornalista e ex-Diretor do Jornal *O Triângulo*, por 26 anos. Escreve memórias sobre a cidade e seus habitantes. Entrevistas realizadas pela autora em 18/10/2001 e 08/11/2003, Uberlândia-MG.

¹⁶ Foi o caso das famílias das depoentes Dulce Marquez de Sá Nunes e Terezinha Rodrigues Silva que, temerosas de que o quebra se estendesse por mais tempo, procuraram esconder-se na zona rural.

Se o Quebra se deu em dois dias, a repressão durou meses. Inicialmente, a Polícia realizou buscas nas moradias “suspeitas”. A família de Eurípedes José participou dos saques aos armazéns de Messias Pedreiro e, perante as estratégias da Polícia para reaver as mercadorias saqueadas, elaborou também sua estratégia para não serem presos e se manterem em sua residência em posse dos cereais, desafiando a autoridade instituída:

Tinha um baneiral lá no fundo, ele era redondo assim. Então, no meio era cheio daquelas raizinhas da bananeira, da própria bananeira, que a terra foi ficando fofa e as raízes ficando de fora. Ali mesmo o meu irmão furou um buraco quadrado e pois saco de linha. Na época falava saco de linha. Pôs o arroz, pôs lata de banha, pôs feijão, pôs saco de linha por cima depois, pois a terra, socou com o pé e, cê acredita, fez assim com a mão, assim ó..., e aguou, que es passaram por cima e nem deram, e não conheceram nada.¹⁷

Os subterfúgios construídos pela população para lidar com a repressão policial foram variados. Em todos eles, destaca-se não o fato em si, mas o que significou enquanto enfrentamento da ordem.

Uma das medidas que mais diretamente interferiram no cotidiano da população da cidade, segundo algumas narrativas orais, foi a presença da Cavalaria de Belo Horizonte em Uberlândia após o Quebra-Quebra, com a inicial intenção de manter a ordem e evitar novas manifestações¹⁸. Montados em seus cavalos, os soldados desse

¹⁷ SANTOS, Eurípedes José dos. *Entrevista*. 03/10/2001, p.05. Sr. Eurípedes José dos Santos. Funcionário Público. Natural de Araguari-MG, nascido em 02/04/1951. Estudou até o quarto ano primário. Tinha 9 anos quando aconteceu o Quebra. Entrevista realizada pela autora em 03/10/2001, Uberlândia-MG.

¹⁸ Em outras fontes pesquisadas, não encontrei referências à presença do destacamento da Cavalaria de Belo Horizonte em Uberlândia no período posterior ao Quebra-Quebra. Acredito que, mesmo que esse destacamento policial tenha estado na cidade num período diferente do citado nas entrevistas, o relevante é o significado dos depoentes aludirem ao acontecimento na tessitura das imagens sobre a Uberlândia pós 18 e 19 de janeiro de 1959.

destacamento procuraram manter o controle sobre todos os quadrantes da cidade e uma de suas medidas mais lembradas nas narrativas foi a imposição do toque de recolher, sendo 22 horas o horário máximo para se transitar pelas ruas:

(...)Es metia medo mesmo e tinha muito medo. Aí todo mundo, por exemplo, nós tava conversando aqui, se dava perto das dez horas, “não, deixa eu ir embora pra casa, porque, olha, tá quase dando dez horas. A Cavalaria agora mesmo tá na rua. Olhe, Deus me livre da Cavalaria!”¹⁹

O direito de ir e vir passou a ser cerceado em nome da necessidade de controlar as ações dos moradores de Uberlândia. Hábitos simples, como prostrar com os vizinhos até um pouco mais tarde, passaram a ser interpretados como possíveis sinais de desafio à ordem e aos poderes instituídos.

Sr. Otacil lembrou uma noite em que foi perseguido por um cabo da Cavalaria:

Eu fui um que passei um aperto danado com esses soldados. Rapaz solteiro. E... eles ficaro muito tempo aqui. Aí eu fiquei com uma namorada um tempo um pouco mais tarde, e quando eu..., era um cabo, eu me lembro direitinho, era um cabo, ele veio assim com o cavalo, naquele tempo a rua era de pedra, de cascalho, o cavalo ferrado no cascalho faz barulho, ele chegou na esquina e parou. Aí eu, eu banqueei o bobo, podia ter entrado pra dentro, né, a moça ainda me chamou pra mim entrar. Falei “não, vou embora”. Quería bancar um pouco o corajoso, né?

Aí eu vim, e ele ficou parado na esquina. E eu vim pro lado da esquina, que eu morava na pensão, a minha sorte era essa. Por isso um pouco que eu animei. Meio quarteirão de cá, e meio quarteirão de cá, e já era a pensão, né? Quando eu cheguei na esquina, ele veio

¹⁹ SÉRGIO, Minervina da Silva. *Entrevista*. 12/11/2003, p.16. Sra. Minervina da Silva Sérgio. Nasceu em Conquista-MG, em 25/08/1926. Foi morar em Araguari-MG com um ano de idade e veio para Uberlândia em 1938. Trabalhou a vida toda na zona rural e, hoje, é aposentada. É casada há 60 anos e tem três filhos. Entrevista realizada pela autora em 13/11/2003, Uberlândia-MG.

com o cavalo em cima de mim. E aí eu..., tava no passeio, o cavalo ferrado em cima do passeio, croc, croc, croc, aquilo eu escutava até aquele shiii, o respirado do cavalo, né. Nó, e eles batia, eles batia em mulher, eles batia mesmo. A sorte é que era perto, eu acho que por isso que eu animei. Aí eu fui quando eu cheguei no rumo do portãozinho, entrei, ai ele parou. Ele parou pra ver se era mesmo, ou se era malandragem minha, né. Parou pra ver se eu morava mesmo ali. Então eu entrei, abri a porta, e tá tá tá e daí acabou. Escapei de tomar uma grande surra.(...)²⁰

Os moradores de Uberlândia tiveram suas vivências alteradas em função do controle policial. O cotidiano foi modificado em nome de outros interesses que não a liberdade das pessoas. Namorar até um pouco mais tarde tornou-se, como tantos outros, um hábito perigoso. O olhar vigilante dos soldados, montados em seus cavalos, parecia querer domar a todos.

Os destacamentos que auxiliaram na repressão ao Quebra regressaram para suas cidades de origem, passados os primeiros dias da manifestação. Os excessos cometidos pelos soldados da Cavalaria também acabaram culminando com o seu regresso à Belo Horizonte e o policiamento da cidade continuou a ser feito pelo contingente policial de Uberlândia. Algumas narrativas citam o espancamento de uma professora por um soldado como o motivo maior para que isto acontecesse:

(...)Era professora, lecionava à noite. Ia saindo um pouco tarde, né, depois que terminava as aulas. E o soldado bateu nela. Bateu na professora. Eu acho que foi essas coisas é que foi fazendo Belo Horizonte tirar os soldados daqui. Isso aí atrapalhou muito pra eles. Mais eles ficava aí, abusava, ih.... (..)²¹

²⁰ SILVA, Otacil Pereira da. *Entrevista*. 08/11/2003, p. 09. Sr. Otacil Pereira da Silva, nasceu em 2/06/1926 em Açaré, no Ceará, sendo criado no Mato Grosso do Sul e veio para Uberlândia em 1948. Trabalhou como mecânico e caminhoneiro. Atualmente, é aposentado. Entrevista realizada dia 8/11/2003, Uberlândia-MG.

²¹ Idem, p. 08.

É ponto pacífico que uma das marcas mais evidentes do quebra e da repressão a ele foi a violência. Violência na destruição dos cinemas e nos saques às casas comerciais; violência no enfrentamento entre a população e a polícia; violência que culminou em vários mortos e feridos; violência que perdurou para além do quebra, executada pelos órgãos de repressão e pela presença do Destacamento da Cavalaria em Uberlândia. Ouso, então, perguntar: se as relações entre o poder policial e a população foram conflituosas naquele momento, já não seriam antes? Teria sido o Quebra-Quebra o responsável pelo rompimento de uma harmonia existente entre estes dois setores da sociedade?

Passados os dias em que seu deu o Quebra-Quebra, os habitantes da Cidade-Jardim, procuraram retomar suas vivências anteriores. Mesmo com as mudanças que o acontecimento empreendeu na vida das pessoas, como a presença da Cavalaria de Belo Horizonte, que ainda permaneceu na cidade por alguns meses, era preciso retomar o ritmo normal das coisas. *O Repórter* noticiou:

Ouvimos ontem, atentamente, pela Rádio Educadora, a entrevista do Coronel Josino Ramalho Pinto, Delegado Especial de Polícia, feita, aliás, em termos sóbrios, meditados e expressivos.

Pelas palavras do ilustre militar, chega-se à conclusão de que nossa cidade já está dentro de seu ritmo normal de trabalho, passadas as conseqüências da perturbação dos dias 18 e 19 do mês fluente, negra, evidentemente, para a história de Uberlândia.

É preciso, porém e apesar de tudo, que encaremos a situação em termos realistas. Na aparência, presentes, ainda, os reforços policiais, tudo se nos afigura sereno como um lado, com a tranqüilidade dentro da sua função.

Entretanto, o povo continua em sobressaltos, com a alta do custo de vida e com a flagrante desobediência aos tabelamentos de preços, inclusive os que promanaram de deliberações da Delegacia Especial. Tem, pois, diante de si, uma onda de incertezas, quanto aos dias futuros. (...).²²

²¹ A entrevista do Delegado Especial. *O Repórter*, Uberlândia, 28/01/1959, p.01.

Se a ordem foi retomada, os elementos de conflito não deixaram de existir. Os espinhos escancarados pelo jardim estavam impressos no viver cotidiano da população e permaneceram na retomada à normalidade. O Quebra constituiu-se num marco de explicitação das diferenças sociais e da capacidade de protesto de grande parte da população que se encontrava excluída de direitos e expectativas que considerava legítimo possuir.

A tentativa de descaracterizá-lo enquanto um movimento de protesto social, imprimindo-lhe uma conotação de balbúrdia e ações de vândalos e arruaceiros, foi efetivamente uma estratégia para resguardar a imagem da Cidade-Jardim, progressista, próspera e habitada por trabalhadores idôneos e pacíficos. Não considero que aqueles que dele tomaram parte deixaram de lado sua idoneidade e os seus valores; porém, imprimiram também outras marcas e outros significados em sua relação com a cidade.

Ainda que reafirmando a imagem de Cidade-Jardim, o poder hegemônico local acabou por reconhecer o alcance das ações do Quebra, sua importância na configuração social da cidade e seu poder de suscitar outras imagens que não a eleita e divulgada amplamente na imprensa. A hegemonia não existiu em total soberania. O contra-hegemônico se manifestou com todos seus elementos de recusa e questionamento, evidenciando outras forças que também estavam no páreo, no jogo do viver a cidade.

O arquivamento do inquérito, evidencia que o mais importante não era encontrar os culpados, mas voltar à chamada normalidade construída pelas imagens de Cidade-Jardim. Se a população continuava a sofrer carências decorrentes da inflação e do alto custo de vida, as vivências cotidianas não significavam protesto social como o Quebra e, sim, exceções que seriam abortadas com o sucesso da política empreendida no país. O futuro, depois presente, hoje passado, leva-nos a refletir sobre os limites dessa política e seus efeitos na vida da população pobre nas cidades.

Referências

SANTANA, Eliene Dias de Oliveira. *Cultura Urbana e Protesto Social: o quebra-quebra de 1959 em Uberlândia-MG*. Uberlândia: UFU, 2005. Dissertação.

NUNES, Leandro José. *Cidade e Imagens: Progresso, Trabalho e Quebra-Quebras -Uberlândia -1950/1960*. São Paulo: PUC,1993. Dissertação.

